

4.12 Ciclo do pão – as eiras

As eiras são construções utilitárias, de teor agrícola, que cumprem funções de secagem e debulha dos cereais.

O Corvo teve em tempos 39 eiras, das quais ainda é possível observar 23 exemplares, cenário incomum, num espaço tão exíguo como é a Vila do Corvo. Ora, podemos concluir que a disponibilidade de rocha a partir da qual se talhavam as lajes para o pavimento das eiras e do calhau rolado que as delimita, terá contribuído para esse número elevado, mas há que ter em conta outro aspeto mais relevante – a necessidade de produzir alimento, já que os cereais, e a farinha que deles advinha, foram durante muito tempo a base da alimentação dos ilhéus, e género para pagar o imposto que, no caso do Corvo e durante mais de três centúrias, incluía 40 moios de trigo.

Estes eram espaços de debulha do trigo – uma debulha a *pé de gado* ou *a sangue* –, mas era também onde se malhava o tremço e o feijão ou se colocavam para secar outros cereais, abóboras ou até sargaço. Faziam-se também rodas de Chamarrita, matanças ou até brincadeiras entre crianças da vizinhança. A sua dimensão varia entre os seis e os nove metros de diâmetro, dependendo do terreno disponível para a sua construção e não havendo aparentemente, qualquer relação entre o tamanho da eira e as posses dos seus donos.

A localização das eiras está diretamente relacionada com a disponibilidade de terrenos e também com a sua posição relativamente aos ventos, já que depois de debulhado, o trigo era joeirado com a ajuda do vento. Analisando o mapa pode ver-se a distribuição destes elementos que formam como que uma linha que circunda toda a vila e outra que a atravessa.

Nem todas as famílias possuíam uma eira e, na maioria dos casos, uma eira tem mais do que um proprietário; apesar de em alguns casos se encontrarem exemplares muito próximos, isto nada nos diz relativamente à sua propriedade pois, salvo raríssimas exceções, estas não têm o mesmo dono. As famílias que não possuíam eiras, mas que nem por isso podiam dar-se ao luxo de não produzir trigo, pediam emprestadas a outras famílias, usando-as sem recorrer a qualquer forma de pagamento, já que sem elas a debulha não era possível – uma vez mais o espírito comunitário dos corvinos a sobrelevar-se.

Na sua monografia *A ilha do Corvo*, editada em 1967, Carlos Alberto Medeiros deixa-nos com a seguinte imagem: *“com tudo o que tem de primitivo e rudimentar, as debulhas no Corvo, embora economicamente reprováveis, possuem inegável encanto e colorido. Manhã alta, o visitante que ainda não se acostumou ao ritmo das fainas é despertado pelos homens que, com o tarro numa mão e uma vara na outra, vão cantarolando música sem palavras, deixando simplesmente a voz livre... Por vezes, os homens distraem-se, o tarro é colocado em má posição e então, infalivelmente, sujam-*

se; chovem as pragas, que contrastam com os risos de um ou outro circunstante casual. Mas, em breve, tudo regressa à ordem, e as voltas em torno do mourão recomeçam, para se repetirem indefinidamente.”

Hoje, perdida a sua função original, as eiras encontram-se, na sua maioria em estado de quase abandono,

Considerando a importância da junça durante um determinado período histórico na ilha, será de ponderar que a disseminação das eiras esteja associada ao final do século XIX, quando o trigo e o milho voltaram a ser, gradualmente, inseridos na ilha, enquanto principais culturas para o consumo do pão, e aquando da construção dos primeiros moinhos de vento, que alteraram substancialmente a realidade local. No entanto, importa clarificar que, o pagamento do imposto já referido obrigaria, necessariamente, à existência de eiras em momento bem anterior a oitocentos na ilha do Corvo, pelo que certamente algumas das mais de duas dezenas de exemplares detetados corresponderão a estruturas dessa época.

De facto, no início do século XVIII, o padre António Cordeiro faz referência aos diversos tipos de cultivos na ilha:

“Da terra é mais frutífera esta Ilha do Corvo, porque dela é muito mais alta, e mais funda sobre as radicais pedreiras, e calhaus, do que a terra da Ilha das Flores, e por isso é mais forte, e mais fértil, e assim, sem a deixarem descansar com folhas anuais, se semeia a mesma terra cada ano, e só de trigo, com ser tão pequena Ilha, dá coisa de cento e cinquenta moios cada ano, além do centeio, e cevada; dá muito linho, e legumes, de favas, batatas, lentilhas, e hortalíça de toda a casta (...).”¹

¹ CORDEIRO, António (SJ) (2007). *História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeitas no Oceano Occidental* (reimpr. da ed. princeps de 1717). Angra do Heroísmo, Presidência do Governo Regional dos Açores / Direção Regional da Cultura. p. 492.